

POR JÚLIA SIRQUEIRA*

Você já sentiu a cabeça coçar e pensou que pudesse ser piolho? A sensação, comum principalmente entre crianças em idade escolar, costuma gerar preocupação imediata nas famílias e, muitas vezes, leva a tratamentos apressados e repetidos. Embora a pediculose seja encarada como um problema simples e passageiro, a infestação pode deixar o couro cabeludo sensibilizado, provocar feridas, comprometer a qualidade dos fios e até desencadear desconfortos emocionais quando não é tratada da maneira adequada.

Segundo a hairstylist e especialista em terapia capilar Letícia Figueiredo, muitos pacientes apresentam coceira persistente, vermelhidão, pequenas lesões provocadas pelo ato de coçar e até descamação e ardência. "Em alguns casos podem surgir inflamação e infecção secundária, principalmente quando há feridas abertas", explica. Nos fios, os danos também aparecem: ressecamento, quebra e aspecto áspero são frequentes, sobretudo quando há uso repetido de produtos muito fortes sem orientação profissional.

Com a eliminação dos piolhos, o cuidado não deve cessar. A recuperação do couro cabeludo exige uma abordagem mais suave e restauradora. Letícia orienta a higienização com xampus delicados, evitando água muito quente e fricção excessiva, além de interromper o uso de antiparasitários quando o problema já foi resolvido. "Continuar usando esses produtos 'por via das dúvidas' pode piorar a irritação", alerta. Hidratação leve no comprimento e atenção a sinais como dor, secreção ou coceira persistente são fundamentais, sendo necessária avaliação dermatológica em casos mais graves.

O uso inadequado de tratamentos antiplolho também pode gerar efeitos a médio prazo. Aplicações repetidas, mistura de produtos e até receitas caseiras irritantes podem comprometer a saúde do couro cabeludo e a qualidade dos fios. De acordo com Letícia, o trauma mecânico causado por coçar intensamente ou passar o pente fino com força pode aumentar a quebra e desencadear uma queda temporária do cabelo. "Na maioria das vezes, tratando a inflamação e cuidando corretamente, o crescimento se normaliza", ressalta.

Na infância, a pediculose é ainda mais frequente por conta do comportamento social. A pediatra Alana Zorzan, co-fundadora da plataforma Mini Löwe, explica que o contato físico próximo e constante entre crianças, somado ao ambiente escolar, favorece a transmissão. "A maior parte dos casos ocorre por contato direto em brincadeiras, abraços e aproximação da cabeça, além do compartilhamento de objetos como pentes, escovas, bonés e elásticos", afirma.

Apesar da preocupação dos pais, o afastamento prolongado da escola não é recomendado. Segundo Alana, tanto a Sociedade Brasileira de Pediatria quanto a Academia Americana de Pediatria orientam que a criança pode concluir o dia escolar, iniciar o tratamento em casa e retornar no dia seguinte. "Quando o piolho é identificado, geralmente ele já está presente há semanas. O afastamento causa prejuízo pedagógico e não controla o surto", explica. Além dos sintomas físicos, a pediatra destaca os impactos emocionais, como bullying, isolamento e ansiedade, reforçando a importância de desmistificar a ideia de que piolho está ligado à falta de higiene. "O foco deve ser acolher, orientar e tratar, nunca culpar."

***Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**

Desmistificando o piolho

PARA ALÉM DA INFÂNCIA

Piolhos não são restritos apenas à infância. Adultos também podem apresentar casos de pediculose. Coceira intensa, vermelhidão e sensação de movimento no couro cabeludo, pescoço e nuca, com pequenos pontos brancos grudados nos fios são alguns dos indícios.

SINTOMAS COMUNS

- Coceira intensa
- Pontos vermelhos (como picadas de mosquito)
- Irritação no couro cabeludo
- Presença de piolhos (nas cores cinzas, bege e/ou marrom do tamanho de uma semente de gergelim)
- Presença de lêndeas (ovos): pontos brancos ou amarelados grudados aos fios próximos ao couro cabeludo, que não caem como caspas

TRANSMISSÃO

- Contato direto com uma pessoa infestada
- Compartilhamento de itens pessoais: pentes, escovas, chapéus, toalhas, roupas de cama
- Qualquer pessoa pode ter, independentemente de higiene ou status social

ESTÁGIOS

- **Ovo (lêndeas):** sete a 10 dias para eclodir
- **Ninfa:** nove a 12 dias para atingir a fase adulta
- **Adulto:** vive cerca de 30 dias

